A MULHER NO ENSINO SUPERIOR EM ODONTOLOGIA NO BRASIL

Heloisa Silveira*
Jorge Cordón**

* Acadêmica da Faculdade de Odontologia da UFRGS

** Cirurgião Dentista, Mestre em Saúde Pública e Professor da Faculdade de Odontologia da UFRGS

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SILVEIRA, Heloisa & CORDON. J.
A mulher no ensino superior em
odontologia no Brasil. *Revista
da Faculdade de Odontologia.*
Porto Alegre, 26: 25-36, 1984.

DESCRIPTORES

- Educação Odontológica
- Brasil
- Mulher

RESUMO

Se colocam as respostas que professoras de Faculdades de Odontologia deram a um questionário enviado, sobre sua situação, analisando-se brevemente a informação obtida e sugerindo aprofundar no estudo do problema.

Uma população jovem de professoras, solteiras, assistentes, que se dedicam a Odontopediatria e Odontologia Social e que não tiveram problemas para o seu ingresso nas Faculdades, constitui o perfil encontrado na pesquisa.

A MULHER NO ENSINO SUPERIOR EM ODONTOLOGIA NO BRASIL

1. INTRODUÇÃO

Pouca informação tem-se obtido sobre o papel da mulher no Ensino Superior em Odontologia, especialmente na conjuntura econômica dos últimos anos em que a identificação homem-mulher, desde o ponto de vista social, tende a equiparar-se, sem perder o elemento característico feminino.

Parece estar superada a divisão econômica social entre homem e mulher a nível geral, ainda que contrasta com a situação que consegue obter no Ensino Superior e especialmente em Odontologia.

Este contraste pode identificar-se numa primeira aproximação ao estudo do papel da mulher em Odontologia, particularmente com docente nos diferentes Cursos, Departamentos e Faculdades de Odontologia do Brasil.

Neste trabalho se descreve uma pesquisa com professoras de Odontologia, no Brasil, a fim de consultar sobre sua participação no contexto global do ensino superior.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Pouca informação se tem da situação feminina no Ensino Superior de Odontologia. Ao revisar a literatura os dados encontrados são mínimos, referindo-se a informação geral sobre número de professoras por Faculdade, grau acadêmico e disciplinas que lecionam (3).

O Conselho Federal de Odontologia

publicou informação sobre 1980 (3), indicando que em 60 Faculdades, Escolas ou Departamentos de Odontologia no Brasil existiam 4132 professores, dos quais 755 (18,3%) eram do sexo feminino.

Ao mesmo tempo se observa que 1257 dos professores tinham título de Mestrado, Doutorado e Livre Docência. Ao sexo feminino cabe 137 mestres (28,4%) dos 483 constantes; 39 (8,2%) Doutoradas e 29 professoras (9,7%) dos 300 livres docentes existentes na Universidade. (3)

Estes dados já falam da pouca participação das mulheres no ensino de Odontologia, observando-se algum tipo de marginalização no sentido de igualdade de oportunidade e aquisição de cargos docentes na Universidade Brasileira.

Com respeito à participação feminina no corpo docente no Brasil, o que se observa e que quanto mais elevado o nível de ensino, menor a participação feminina no corpo docente.

Enquanto no ensino de 1º grau elas perfazem a maioria (86,8%), já no ensino superior isto não ocorre, caindo a percentagem de participação a níveis muito baixos (16%).

Há estudos que mostram que a regularidade da participação feminina é inversamente proporcional ao prestígio do posto. (13)

Como mencionado por Rosemberg et ali; (13), quando o sexo masculino deixa de trabalhar em determinada área, educação, por exemplo, para lá confluem um grande número de mulheres.

Como o mercado de trabalho para o homem com diploma universitário é mais diversificado, as mulheres passaram a procurar cada vez mais os lugares antes ocupados por ele no ensino médio. Isto ligado à crescente perda do prestígio desta profissão em virtude da "popularização" das escolas de 1º e

2º grau numa cultura que valoriza o elitismo e o privilégio.

"O circuito escolar, canalizando grande parte do contingente feminino egresso da Universidade, concorre para diminuir a sua competitividade com os homens em outras esferas ocupacionais". (13)

"O impacto que causaram as constatações de HORNER (1968) sobre o medo do sucesso, presente e comum entre mulheres inteligentes, indica o quanto ainda somos ignorantes sobre os mecanismos psicológicos profundos, conseqüentes a sua socialização divididas entre a maternidade e o trabalho profissional, e que constituem freios formidáveis à vontade de inovação. A absorção, melhor seria mesmo dizer a impregnação, deste modelo tradicional e ambíguo se efetua para além dos muros domésticos, estando presente na rua, na igreja, nos meios de comunicação, na escola". (13)

A mulher é um dos alvos prediletos da comunicação das massas, (7) que tenta, mediante uma nova ordem de representação simbólica, conseguir que a mulher cumpra as duas funções gerais que o sistema lhe assegura 1) a missão de pacificar, equilibrar e resolver certas contradições especiais dos sistemas (na família, educação), e 2) assumir e interiorizar o papel de "pilar da economia de apoio" (reconstituição da força de trabalho mediante o trabalho invisível, desvalorizado, não pago) que assegura o funcionamento do sistema e permite uma alta extração de mais valia do trabalho do marido e, indiretamente, também do trabalho da mulher. Ou seja um papel regulador na economia capitalista (trabalho doméstico não pago, exército laboral de reserva barato, disciplinado e consumista) e papel reprodutor da ideologia dominante (interiorização e transmissão de imagens e símbolos, educa-

ção, garantia do equilíbrio moral e afetivo, etc). (13)

No censo de 1980 (6) se observa que a participação da mão de obra feminina no mercado de trabalho subiu de 18,51% em 1970 para 27,47% em 1980. Este aumento é considerável, quando se analisa o papel da mulher na força de trabalho do país, sobre tudo quando se sabe que acumula a sua jornada diária, o trabalho doméstico, não remunerado, somando em média um total de 13 horas de trabalho.

O anterior permite observar que existe uma diferenciação entre o sexo masculino e o feminino na divisão do trabalho, com repercussões no econômico, político, ideológico e em geral no social, marginando à mulher no processo de vida de toda uma sociedade. Diversos autores (4, 14, 15) tem estudado estes aspectos e concluído com a situação de desvantagem da mulher no modo de vida de um país da área capitalista.

Especificamente em saúde, a estrutura ocupacional da força de trabalho nos Estados Unidos da América, é predominantemente feminina, pobremente paga e pobremente unida. (11)

Existe ausência virtual da mulher no processo decisório das instituições de saúde. (11) Esta discriminação não é particular, neste setor, é em toda a sociedade, assim, quando se fala de libertação da mulher, implica necessariamente na libertação de cada um, de todos.

Ainda assim, a Organização Mundial da Saúde (12) anunciava em 1981 o aumento da proporção de mulheres no setor Saúde em ao redor de 18%.

A mesma fonte coloca exemplos da União Soviética e Estados Unidos com algumas diferenças. Na União Soviética existiam na data 670.000 médicos e Dentistas, 480.000 eram mulheres; nos Estados Unidos existiam 370.000 e 29.000 unicamente eram mulheres, le-

vantando com isto a hipótese de que são as decisões políticas de um país — ou a vontade política — acima de tudo, que influenciam a proporção de mulheres nas profissões da saúde.

Se tem estudado a situação da saúde da mulher e o desenvolvimento, especialmente no terceiro mundo, (16) colocando a marginalização que sofre em todos os aspectos que se relacionam com o seu desenvolvimento biofísico e psico-sócio cultural.

Também se tem chamado à atenção (10) para a necessidade da mulher ocupar espaços decisórios em todos os níveis, especialmente nos sistemas de saúde, reconhecendo que onde pior representadas estão as mulheres é nas categorias superiores.

Se enfatiza, (5) por outra parte, o valioso papel exercido pela mulher em algumas profissões específicas, como na enfermagem, ainda que tem tido obstáculos legais para confiar as funções mais importantes à profissão.

As necessidades e interesses das mulheres raramente são tomados em consideração na planificação das políticas de saúde e educação.

Quando se discute especificamente a mulher em Odontologia, e mais particularmente em educação superior, poucas referências são encontradas, e em geral, os estudos são feitos muito abrangentes e sem aprofundar no problema. (9)

Nos Estados Unidos tem-se realizado alguns estudos que revelam parte da situação da mulher.

Em 1973 as mulheres constituíam 1,5% dos dentistas nos Estados Unidos. (1) As razões mencionadas para essa situação se relacionaram com a contradição da demanda de cuidado dental e a demanda pelo papel de esposa e mãe, assim como as formas de discriminação que a mulher sofria no processo de seleção, formação e trabalho profissional.

Num estudo realizado na Escola Dental de New Jersey, encontrou-se que 77% das mulheres não observaram discriminação no seu desenvolvimento profissional, sendo que as dificuldades encontradas eram similares para homens e mulheres. (1)

Em relação à atitude dos colegas respeito às mulheres no desenvolvimento de suas atividades, a mesma pesquisa mostrou que 15,4% mostravam atitude negativa à mulher, 23,1% atitude positiva e igual tratamento para ambos os sexos 61,5%. (1)

Mc Greary e Gershen (8) estudaram as mudanças na personalidade entre graduados de Odontologia do sexo masculino e feminino.

O estudo examina as mudanças na personalidade durante sua vida de estudantes e após graduados. Analisa que os dentistas especialmente as mulheres, são menos competitivas, enérgicas e manipuladora de situações no consultório.

Em geral, observaram que diminui a iniciativa e independência e aumenta a conformidade, aceitação e convencibilidade. As mulheres diminuem em empatia e viram mais egocêntricas conforme o tempo passa no trabalho. (8)

Em outro estudo (1) encontraram maiores percentagens de solteiras que solteiros, assim como com respeito as disciplinas de maior procura, se notou que cirurgia é mais masculina e em Ortodontia, Saúde Pública, Endodontia, Prótese e Periodontia não se encontraram diferenças por sexo nas pessoas que o praticaram em graduação.

Com respeito à higienistas, Mendes e Mendes (9) manifestam ter uma vida profissional curta, porque o casamento geralmente induz ao abandono da profissão. Tal fato faz com que se tente eliminar as restrições legais e educacionais aos higienistas do sexo masculino.

Bustos (2) realizou um estudo sobre o tempo útil exercício profissional Odontológico, segundo sexo, no Brasil.

No estudo, se conclui que as mulheres trabalham ao redor de 30% menos tempo no consultório que o sexo masculino, isto por semana e anualmente.

Enquanto o sexo feminino trabalha no consultório privado só 40%, o homem o faz 60% sendo que as mulheres dentistas desenvolvem mais um trabalho que utiliza o consultório privado e outras formas institucionais que os homens.

A diminuição do tempo de trabalho da mulher, segundo Bustos, (2) se deve ao casamento, gravidez, afazeres domésticos, falta de estímulo.

3. MATERIAL E TÉCNICAS

Para analisar algumas das características da mulher na Odontologia, se definiu como universo a ser estudado, as professoras das Faculdades de Odontologia que, em 1980, trabalhavam nestas instituições, fazendo um levantamento sobre as principais áreas de trabalho.

Segundo o Conselho Federal de Odontologia (3), 755 professoras atuavam nos 67 cursos, departamentos ou Faculdade de Odontologia no Brasil.

Após eliminar os nomes que se repetiam por trabalhar em mais de uma Faculdade e aqueles que indicavam pertencer a outras profissões da saúde, como também as Faculdades ou instituições que não tinham especificado o sexo dos professores, se conclui que existiam 682 professoras que constituíram o universo de trabalho, em 60 Faculdades de Odontologia.

A todas elas foi enviado, por correio, um questionário para solicitar informação sobre os aspectos mais importantes da situação da mulher no trabalho como docente em Odontologia. A

informação foi organizada e tabulada a fim de poder levantar uma discussão original.

4. RESULTADOS

Dos 682 questionários enviados, foram recebidos 69 respostas, o que representa 10% do universo de estudo.

As 69 respostas procediam de 32 Faculdades ou Escolas de Odontologia, ou seja 50% das instituições constantes na amostra.

A idade média das pessoas que responderam é de 37 anos variando de 25 até 63 anos de idade. (Quadro nº 1).

Com respeito ao estado civil 37 (54%) eram casadas, 27 eram solteiras e unicamente 2 viúvas, 1 separada, 1 divorciada e 1 desquitada.

Quanto ao número de filhos verificou-se que 37 (54%) não tinham filhos, 15 tinham 2 filhos, 7 tinham 1 filho, 6 tinham 3 filhos e 3 tinham 4 filhos.

A maior porcentagem de docentes do sexo feminino é assistente, encontrando-se uma porcentagem mínima de titulares. (Ver quadro nº 2).

Q Ano de Graduação tem, na amostra de respostas recebidas, uma maior quantidade de professores jovens, onde quase 50% obteve o Grau nos últimos 10 anos.

Perguntadas sobre se tinham enfrentado problemas para tornar-se professoras de Faculdade, 85% das que responderam ao questionário, colocaram que não e 13,2% responderam que sim.

As disciplinas de Odontopediatria e Odontologia Social resultam ser as áreas mais procuradas pelas docentes (quadro nº 3), seguidas das áreas Básicas, Ortodontia e Dentística.

O motivo da escolha da profissão de Cirurgião Dentista resultou ser 68% a opção técnico científica, 26% tinham

QUADRO Nº 1

Idade das professoras de Odontologia do Brasil que responderam o questionário em 1982.

IDADE	Nº DE RESPOSTAS
25—29	09
30—34	22
35—39	17
40—44	12
45—49	04
50—54	03
55—	01
Não resp.	01
TOTAL	69

FONTE: Pesquisa.

QUADRO Nº 2

Posição que ocupam as professoras de Odontologia no Brasil. 1982.

CATEGORIA	Nº DE RESPOSTAS	%
Assistente	39	57
Adjunto	17	25
Livre Docente	05	7
Auxiliar	05	7
Titular	02	3
Substituta	01	1
TODAS	69	100

FONTE: Pesquisa realizada.

QUADRO Nº 3

Disciplinas em que trabalham as professoras nas Faculdades de Odontologia no Brasil. 1982.

DISCIPLINAS	Nº DE RESPOSTAS
Odontopediatria	14
Odontologia Social	13
Ciências Básicas	08
Ortodontia	07
Dentística	07
Patologia Oral	06
Radiologia, Diagnóstico Oral e Semiologia	06
Cirurgia	03
Clínica Integrada	02
Serviço de Urgência	01
Estomatologia	01
Prótese Dentária	01
TODAS	69

FONTE: Pesquisa

vários motivos, 4 responderam opção familiar e 2 opção econômica.

Quanto a pós-graduação, 39 das 69 que responderam, apresentavam curso de mestrado, 21 eram especialistas e 6 haviam feito doutorado. Observou-se que 85% delas trabalhava na mesma área em que fizeram cursos, e 15% trabalhava em outras áreas.

Sobre o que motivou a escolha de pós-graduação, responderam que queriam adquirir maior conhecimento e melhorar as condições de ensino da disciplina escolhida e que sentiam interesse pelo ensino.

Das 69 respostas obtidas, 84% não haviam enfrentado problemas no seu ingresso ao trabalho pelo fato de serem do sexo feminino e 15% tinham encontrado problemas.

A média de professores do sexo feminino nas faculdades em que trabalham é de 30%.

A maioria delas não exerce outra função além do magistério.

Das professoras, 53 responderam que não foi difícil começar a exercer a profissão recém formadas, 12 responderam que tiveram problemas e 2 não responderam, assim também, 36,8% responderam não ter tido problemas para conciliar a vida familiar com a profissional 17,6% tiveram problemas e 36,8% não responderam.

Quanto ao fato de ter recebido ou não os direitos legais quando tiveram seus filhos, 26 das 69 professoras receberam tempo completo de gravidez (90 dias), 17 receberam salário gravidez, 14 receberam permissão para gestantes,

4 responderam que não receberam nada, 3 receberam outros auxílios e uma recebeu só numa gravidez.

Com respeito ao abandono da profissão, ou afastamento temporário, 51 das professoras nunca pensaram em abandonar a profissão, 6 já abandonaram e voltaram as atividades e 4 já pensaram em abandonar.

Como mulher, 59 responderam que não tiveram problemas no desenvolvimento do curso de graduação, 5 tiveram

problemas e 4 não responderam esta pergunta.

Sobre a diferença de posição que a mulher ocupa hoje na Odontologia, 69% responderam ter notado diferenças, comparando com a época em que se graduaram, 28% responderam não ter notado diferenças. Assim também parece ser que o tratamento recebido nas instituições que laboram é igual aos colegas masculinos, segundo pode observar-se no Quadro nº 4.

QUADRO Nº 4

Relação das professoras com respeito ao tratamento dos colegas.
Brasil. 1982.

SITUAÇÃO	Nº DE RESPOSTAS
Igual aos colegas	40
É diferente	08
Diferente negativamente aos colegas	06
Muito melhor tratada que os colegas	05
Diferente positivamente aos colegas	05
Outros	05
TOTAL	69

FONTE: Pesquisa

Das 69 professoras de odontologia que responderam ao questionário, 41 gostariam de participar de uma organização científica pelo melhoramento da mulher profissional, 23 não gostariam e 4 não responderam esta pergunta.

Das respostas à pergunta sobre os problemas apresentados nas instituições empregadoras, por ser do sexo feminino, se colocam a continuação as mais relevantes:

"Pretendia ser professora de Dentística, inclusive trabalhava no consultó-

rio com o Chefe de Departamento, e ele me indicou para a Odontopediatria, pois no Departamento não tinha nenhuma mulher (não queriam mulheres no Departamento)".

"Ser por alguns considerada como objeto".

"Na faculdade houve uma espécie de mágoa, despeito, desrespeito por parte de 80% dos colegas do sexo masculino".

"O Chefe do Departamento da área de clínica, não aceitava mulheres traba-

lhando em seu departamento”.

“Fui aconselhada a não prestar o concurso de ingresso por vários colegas, porque ia competir com candidatos homens e formados na Escola”.

“Pelo simples problema de pertencer ao sexo feminino. Mulher tem filhos, casa, marido e no entender de certos burocratas não se dedica ao trabalho como os machos”.

“Problemas como desejar entrar numa disciplina composta somente por homens e ser barrada”.

Com respeito as reivindicações como mulher dentro da Odontologia, as professoras responderam de um modo geral, colocando quase as mesmas coisas, que se transcrevem abaixo:

“Maior participação da mulher na composição dos membros nas diversas sociedades de classe”.

“Maior aceitação e confiança por parte dos colegas”.

“Embora a mulher tenha acesso aos órgãos de decisão nas faculdades não são dadas a devida atenção às suas sugestões e participação”.

“Ser mais valorizada”.

“Que fosse encarada com mais seriedade”.

“Creches ou maternais junto às Instituições para facilitar o trabalho das mães”.

“Que as mulheres se sintam cada vez mais seguras de sua capacidade e competência, e que participem cada vez mais da vida universitária, liderando junto aos colegas do sexo masculino, todos os momentos que exijam uma tomada de posição forte e coerente”.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Numa primeira aproximação, deve ressaltar-se que a mulher não tem compreendido a importância do seu papel

no desenvolvimento da Odontologia e aparentemente sua situação é tranqüila, sem problemas quanto à relação técnica com seus colegas, porém alguns problemas começam a aparecer e podem, no futuro, representar contradições na profissão do Cirurgião Dentista.

Alguma informação obtida é de importância, apesar de não poder estruturar conclusões definitivas devido ao pouco volume de respostas recebidas (10%) que indicam a falta de interesse das professoras no seu próprio conhecimento e no conhecimento da realidade.

Fica claro, desde uma perspectiva social, global, que o trabalho de organização da mulher não é independente da organização de toda a sociedade para uma eventual mudança porém é importante conhecer as formas em que se manifesta a dominação do modo de vida das pessoas e como, em algumas esferas específicas, o monopólio do conhecimento científico e tecnológico está, em maior quantidade, nas mãos do sexo masculino.

Nesta pesquisa notou-se a resposta muito aproximada da realidade, quanto à posição que as professoras ocupam dentro da categoria docente, sendo que apenas 3% chega a ser Titular ainda que existe um contingente considerável de docentes que entraram nos últimos 10 anos e que agora começam a ganhar posições na escala de autoridade.

Notou-se com interesse que somente a metade estão casadas e 54% não tem filhos, estando muito pouco delas na média Brasileira de 4 filhos, correspondendo no seu conjunto, à classe média econômica, cujos valores oscilam entre 1 e 2 filhos.

Isto porque a tarefa docente separa a família quando do trabalho em instituições de ensino, que apresentam programas a serem cumpridos e funções es-

pecíficas que não permitam uma liberação do tempo no lar.

Parece que o mesmo fenômeno dos Estados Unidos aqui é observado quanto às tarefas do lar e da profissão (1, 10).

Resulta interessante que as professoras em geral, não apontam problemas para seu ingresso à docência, ainda que acham 30% como média de docentes nas suas faculdades. Isto significa a metade do que em realidade sucede, já que unicamente 18% (3) dos professores de Escolas e Faculdades no Brasil são do sexo feminino.

No estudo realizado não pode concluir-se com a existência de problemas da mulher no seu ingresso à docência superior.

Quem já está no processo aceita, até passivamente, poderia se dizer, a condição de minoria, numa profissão que está crescendo a expensas do sexo feminino em todo o Brasil.

Se requer estudos mais aprofundados sobre a situação e posição de classe das professoras e das profissionais na área da Odontologia no Brasil. Neste momento e com os dados obtidos neste trabalho, poderiam ser levantadas hipóteses que sugerem uma marginalização por sexo nas Faculdades de Odontologia, as-

sim, por exemplo:

O que faz com que o sexo feminino seja atraído e desenvolva mais sua atividade na área da Odontopediatria e Odontologia Social?

Qual o papel da mulher na direção de Faculdades, Departamentos ou Regências de Disciplinas?

Como desenvolver uma ação metodológica dirigida ao estudo da concepção do mundo que a mulher tem, quando é profissional da Odontologia?

Estas e outras perguntas devem ser objeto de questionamento constante a fim de aprofundar o conhecimento científico da mulher e seu papel dentro da profissão odontológica.

SUMMARY

"This article discusses the situation of female teachers in Dental Schools of Brasil, analyzing the information gained in order to propose new studies in that way.

The result of the study is a young, single and assistants teacher's population, the majority works in pedodontics and social preventive dentistry and they did not have obstacles to work at the University".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AUSTIN, G.B., MAHER, M.M.; LOMONACO, C.J. Women in dentistry and medicine: Attitudinal survey of educational experience. *J. Dent. Educ.*, 37 (11): 11-7, Nov. 1973.
2. BUSTOS, Jaime. *Tiempo integral util de ejercicio profesional odontologico, según sexo, en el decenio 1960-69 en Rio Grande do Sul, Brasil*. Porto Alegre, Tese de Mestrado, 1973. 76p.
3. Conselho Federal de Odontologia. *Relatório 1980*. Brasília, Conselho Federal de Odontologia. Gráfica Editora Hamburg Ltda, 1981. 405p.
4. FIRESTONE, Shulamith. *A dialética do sexo: um manifesto da revolução feminista*. Rio de Janeiro, Labor do Brasil, 1976. 277p.
5. GIBBONS, K. et alii. La mujer en la Salud y el Desarrollo. III. Algunas dificultades que plantea su actuación en la atención de salud. *Bol. Of. Sanit. Panam.*; Washington, 93(6): 522-31, Dec. 1982.

6. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo de 1980*. Rio de Janeiro. IBGE. 1982.
7. MATTELART, Michele. *Mujeres e indústrias culturales*. Naciones Unidas, UNESCO, 1981. 35p. (mimeo).
8. McCREARY, C.P. & GERSHEN, J.A. Changes in personality among male and female dental graduates. *J. Dent. Educ.* 46(5): 279-83, 1982.
9. MENDES, E.V. & MENDES, Eunice. *Odontplogia*. Alguns aspectos da odontologia brasileira. Petrópolis, Vozes, 1968. 172p.
10. MILLER, B.A.; Blair P.W.; Elmendorf M.L. La mujer en la Salud y el Desarrollo. II. Algunos problemas de población, de influência y de higiene ambiental. *Bol. Of. Sanit. Panam.*, Washington, 93(5): 442-51, Nov. 1982.
11. NAVARRO, Vicente. Women in health Care. *New Engl. J. Med.* 292:398-402, 1975.
12. Organização Mundial da Saúde. Atualidades: aumenta a proporção de mulheres em Farmácia, Odontologia e Medicina. *A Saúde do Mundo*, jun. 1981. p.30.
13. ROSEMBERG, Fulvia; Pinto, R.P.; Negrão, E.V. *A educação da mulher no Brasil*. São Paulo, Global, 1982. 112p.
14. STUDART, Heloneida. *Mulher objeto de cama e mesa*. 6.ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1976. 53p.
15. SULLEROT, Evelyne. *La mujer, tema candente*. Madrid, Guadarrama, 1971. 251p.
16. VILLAR, José et alii. La mujer en la Salud y el Desarrollo. I. Algunos problemas de salud de la mujer en el tercer mundo. *Bol. Of. Sanit. Panam.*, Washington, 93(4): 327-38, Out. 1982.